

## SAUSSURE: FORMALISMO E FUNCIONALISMO SOLIDÁRIOS

Marcelo Moraes Caetano (UERJ)  
[marcelomcaetano@gmail.com](mailto:marcelomcaetano@gmail.com)

### RESUMO

Em relação às ideias e aos métodos de Saussure, apresentam-se, há muito, concordâncias e discordâncias. No entanto, em ambos os casos, houve desdobramentos de seus postulados. Ao propugnar pela ênfase sobre a unidade da língua, e não sobre sua heterogeneidade, Ferdinand de Saussure sublinhou o método estruturalista, até hoje necessário para a elaboração e compreensão de uma gramática normativa. Os teóricos que o sucederam, com suas discussões prolíficas, também levaram adiante questões como o funcionalismo e o formalismo, e empreenderam não somente sólidas contribuições sobre o que caracteriza, efetivamente, a descrição linguística de um idioma (formalismo), mas também, de modo prático, traçaram parâmetros sobre como essa descrição se relaciona com os seus usuários (funcionalismo).

**Palavras-chave:** Saussure. Formalismo. Funcionalismo. Estruturalismo

Como sabemos, o ano 2016 marca a comemoração dos cem anos de publicação do *Curso de Linguística Geral*, de Ferdinand de Saussure. O livro não é autógrafo, mas sim apógrafo, ou seja, foi compilado por autores outros que não o próprio Ferdinand de Saussure, a saber, seus dois alunos Albert Sechehaye e Charles Bally. Estes alunos, após as lições empreendidas pelo mestre suíço, foram responsáveis pela fundação da chamada “Escola de Genebra”, que, na esteira do *Curso*, pretendeu estudar as estilísticas da *langue*, mas, sobretudo, da *parole*, algo que, erradamente, acredita-se que não foi de nenhuma forma objeto de preocupação de Ferdinand de Saussure. Com efeito, o próprio fato de os dois compiladores da obra de Ferdinand de Saussure terem sido centrais na escola cujo escopo eram as estilísticas, inclusive da *parole*, pode demonstrar que, em Ferdinand de Saussure, havia também os princípios basilares do estudo científico da *parole*, e não exclusivamente da *langue*.

A propósito, uma das ocupações deste artigo reside exatamente em mostrar que há um estereótipo, quase caricatural, sobre a suposta ausência de ênfase que Ferdinand de Saussure teria perpetrado à *parole*, cuja tradução mais corrente é “discurso”.

Há dois estudiosos que devem, de antemão, ser mencionados para isso: Émile Benveniste e Eugenio Coseriu, a quem retornaremos. Esses dois estudiosos beberam da fonte saussuriana e aprofundaram os estudos

## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

do mestre exatamente porque perceberam seu dínamo evidente, capaz de explicar ou aprofundar as duas principais perspectivas dos estudos linguísticos de um modo geral: o formalismo e o funcionalismo.

Para funcionalismo, é suficiente, neste texto, que se explicita que estamos tratando das vertentes da linguística que privilegiam a língua em uso e interação; para formalismo, é suficiente que se evoquem os campos que estabelecem, no “núcleo duro” da língua (fonologia, morfologia, sintaxe e morfossintaxe), seu objeto de ocupação. Há uma espécie de terminologia que abarca, embora não com remissões imediatas e inequívocas, a esses dois campos: respectivamente a macrolinguística e a microlinguística.

Muitos estudos pertinentes à linguagem transitam entre essas duas possibilidades de classificação da linguística (micro e macro), como é o caso da pragmática, da linguística cognitiva, da neurociência, da psicolinguística e da própria linguística gerativa. O que queremos demonstrar, em síntese, é que, em Saussure, os elementos seminais para a delimitação de uma vertente e de outra, bem como o diálogo entre elas (o que engloba até as ciências que permeiam um ou outro campo rígido, como a pragmática, a linguística cognitiva etc.), estavam presentes, solidariamente, dialeticamente, na sua obra inaugural.

Voltemos ao *Curso*. O fato de Ferdinand de Saussure ter dado ênfase à *langue* (“língua”), chegando a afirmar mais de uma vez que era este o objeto de estudo da linguística, não retirou de sua mira os estudos concernentes à *parole*. Émile Benveniste, a esse respeito, chega a afirmar que “Saussure era o homem dos postulados” (Cf. BENVENISTE, 2006), querendo dizer que, nele, as ideias formalistas e funcionalistas andavam solidariamente. Eugenio Coseriu, por sua vez, desdobrou a dicotomia *langue/parole* na tricotomia sistema/norma/fala (cf. COSERIU, 1979). Essa tricotomia não se restringe à dicotomia *langue/parole*, porque dela participam outras dicotomias saussurianas, como paradigma/sintagma.

Retornando à dicotomia *langue/parole*, que é a que nos interessa agora, podemos afirmar que a tricotomia coseriana reserva o par sistema/norma ao correspondente de *langue*, ao passo que, nesta mesma tricotomia, o conceito de fala pode ser aplicado à descrição saussuriana de *parole*. Isso de forma muito prototípica.

Ao ter mencionado a percepção de Émile Benveniste sobre Ferdinand de Saussure, afirmando aquele que este foi “o homem dos postulados”, repita-se, fica evidente a aproximação do método saussuriano ao

método de outro grande pensador da linguagem: Ludwig Joseph Johann Wittgenstein (1889-1951). Tanto um quanto o outro se expressavam por aforismos, ideias sintetizadas, com exemplos ilustrativos e parábolas, que permitiam que estudiosos se debruçassem sobre seus textos a fim de encontrar-lhes as riquezas. Ambos forneciam espécies de mapas, cujos caminhos, entretanto, deveriam ser trilhados pelos pesquisadores empiricamente. Assim, esses dois autores permitiram, com seus postulados ou aforismos, que se empreendesse pesquisas nos campos de língua, literatura, discurso, psicologia, linguística, pragmática, análise do discurso, sociolinguística, gramaticologia etc., sem que possam ser inquinados de defensores exclusivos de uma ou outra vertente ou de um ou outro campo de interesse. Tudo o que fosse relacionado à linguagem lhes interessava.

Convém lembrar que Ferdinand de Saussure é egresso da escola dos neogramáticos. Tratava-se de historiadores da língua. Um dos pontos fundamentais do *Curso de Linguística Geral* foi exatamente o fato de que esta obra ofereceu à ciência, a partir de então, uma nova forma de se conceber a língua que não era exclusivamente histórica. No entanto, ele nunca desprezou a história da língua. Nele se encontram, por exemplo, elementos importantes da linguística histórica (que não é a mesma coisa que história da língua), que Eugenio Coseriu representa tão bem.

É verdade que em Ferdinand de Saussure há o famoso postulado que afirma: “O objeto da linguística é a língua (*langue*) em si mesma e por si mesma”. Olhado isoladamente, sem se levar em consideração o restante de suas escritas, pode-se pensar que este seria o modo único de ancorar sobre os estudos linguísticos eleito por Ferdinand de Saussure. Esse aforismo, portanto, daria, à primeira vista, a impressão de que dois elementos teriam sido afastados dos estudos de linguagem: as pessoas que a produzem; e a história de seu decurso.

Evidências de que Ferdinand de Saussure não desprezava o elemento humano, cultural, social, antropológico, histórico e filológico estão, por exemplo, em postulados como este, em que se encontram até embriões da linguística gerativa e da psicolinguística:

As tarefas da linguística são: a) fazer a descrição e a história de todas as línguas que se puder conhecer o que redundará em estabelecer a história das famílias de línguas e reconstituir, na medida do possível, as línguas matrizes de cada família; b) sondar as forças que estão em jogo de maneira permanente e universal em todas as línguas, inclusive as leis gerais a que se podem referir todos os fenômenos particulares da história; c) delimitar-se e definir-se a si mesma. (SAUSSURE, 1984, p. 19)

## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

É muito importante que se observe o pensador à luz do tempo em que vivia e das ideias de ciência que se concebiam neste tempo. No momento em que Ferdinand de Saussure se encontrava (fim do século XIX e início do século XX), a filosofia da ciência, ou epistemologia, ordenava que se “delimitassem e definissem” as ciências (vide item c) acima) claramente, com fronteiras e limites rígidos. A epistemologia do século XXI, por seu turno, aponta para o estabelecimento de correlações entre uma ciência e outra, mas, naquele momento, repita-se, “delimitar e definir” era fulcral para o estabelecimento de ciências. Sem essa rigidez na demarcação territorial das ciências, Ferdinand de Saussure não teria ganho chancela de cientificidade.

Exemplos dessa afirmação estão em outros dois grandes pensadores do fim do século XIX e início do XX: Carl Marx e Sigmund Freud. Escolho os dois exatamente porque, se transplantados para o terreno da linguística, eles estudaram respectivamente o que seria o funcionalismo (o homem como ser objetivo e social, construído nas relações interacionais das sociedades, sendo a sociedade o prisma de observação do homem: visão de Carl Marx) e o formalismo (o homem como ser subjetivo e inconsciente, construído nas relações de suas camadas internas e externas como reflexo íntimo do pano de fundo social, sendo o homem o prisma de observação das sociedades). Ambos precisaram, para ganhar o apanágio de cientistas, exatamente por comungarem a epistemologia daquele tempo, de rígidas delimitações de seus objetos de estudos, isto é, necessitaram separar de suas ciências nascituras, ao máximo, o que não lhes dissesse estritamente respeito e/ou já estivesse claramente delimitado e descrito em ciências outras.

Não se fazia ciência se não se buscasse isolar o objeto. Citei Sigmund Freud e Carl Marx exatamente porque os estudos de linguagem, com a ascensão desses dois gênios, se confundiam muito fortemente com o que viria a ser a psicologia freudista e a sociologia marxista. Não é à toa que analistas do discurso posteriores tenham tentado compreender esses dois e trazê-los à convergência para uma explicação dos discursos: é caso de Mikhail Bakhtin, Émile Benveniste e Michel Pêcheux.

Não se tem notícias de que Ferdinand de Saussure tenha dialogado com Sigmund Freud. Em sociologia, por sua vez, a fonte de Ferdinand de Saussure foi Émile Durkheim. Esta é a maneira como Ferdinand de Saussure descreve a língua em relação à sociedade: a língua é um fato social (conceito durkheimiano), que precede o indivíduo. Do ponto de vista psicológico, são evidentes as influências de Wilhelm Maximilian

Wundt e Friedrich Wilhelm Heinrich Alexander von Humboldt em Ferdinand de Saussure. Isso significa que Ferdinand de Saussure tinha conhecimento de que as línguas são fenômenos sociais que mudam com o passar do tempo (corolário da história da língua e da futura linguística histórica). No entanto, repita-se, não era o método científico daquele momento estabelecer diálogos com ciências já claramente delimitadas ou nascentes, mas, em vez disso, devia-se isolar a nova ciência que se queria erigir.

Naquele momento, os cientistas preocupados em descrever e analisar discursos eram os sociólogos (sobretudo os de vertente marxista) e os que viriam a ser os futuros psicólogos, sobrelevados principalmente pela revolução freudista. Por seu turno, a visão diacrônica da língua já havia sido fartamente compreendida por neogramáticos como Antoine Meillet, Michel Jules Alfred Bréal e Joseph Vendryes. Assim, o que daria à linguística a sua “carteira de identidade”? Exatamente criar uma possibilidade (mas não exclusividade) de estudar-se a língua em si mesma e por si mesma, cujo prisma central não fosse nem a história, nem a sociedade, nem o discurso capaz de revelar brechas do que já se chamava “inconsciente”. Sem esse isolamento, não haveria nenhuma chance de a linguística ser tratada como ciência, porque ela seria tachada de mero reflexo (redundante) de ciências já existentes.

Da mesma forma, os estudos literários, desde sempre, tiveram como um de seus objetos de estudo o discurso literário (parole) de um autor, de um tipo (que seria chamado mais tarde de “gênero”) de texto, de uma época.

Em relação às “variantes” linguísticas, é claro que Saussure, com sua formação de filólogo, sabia da existência de dialetos e falares. As duas grandes preocupações da filologia, em tempo, são os registros de textos e o registro de dialetos no espaço e no tempo. A dialetologia, sabidamente, é a precursora das sociolinguísticas. No entanto, já havia grades dialetólogos naquele tempo, como, para ficar no terreno da língua portuguesa, Carolina Michaëlis de Vasconcelos e José Leite de Vasconcelos.

Desse modo, o que se conclui é que estão explícitas as pistas de que a anamnese saussuriana ia muito além de sua (necessária) fronteira como cientista. Sem poder avançar demasiadamente a estudos fronteiriços com outras ciências, era imprescindível, naquele tempo, que a regra de isolamento científico fosse obedecida. Como homem de seu tempo, Saussure seguiu essa premissa. No entanto, isso não impediu (pelo con-

## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

trário: estimulou) que houvesse desdobramentos sobre todas as ideias contidas em seus postulados, que organizaram a ciência linguística sob um rígido código metodológico, denominado *estruturalismo*, que observava a língua como “sistema de sistemas”, a privilegiar um ponto de vista central a partir do qual todo o mais era relativizado, e, ainda, a redimensionar a noção de “valor” presente em Aristóteles, em que um elemento da estrutura tem o aludido valor apenas na medida em que se relaciona a outro elemento.

Por essa razão é que uma das chaves para a compreensão completa de Saussure está no entendimento do método que lhe competia empreender naquele momento, e, além disso, na compreensão ainda de que esse método foi tão engenhosamente articulado, que permitiu que aparentes áreas sombreadas da investigação de Ferdinand de Saussure (como o funcionalismo) fizessem repousar suas sementes cuidadosamente, para que estas viessem a ser germinadas em momentos adequados.

Por fim, a rigidez do método de Ferdinand de Saussure, levada a termo com milimétrica perspicácia, desenvolveu o estruturalismo, que se tornou verdadeira ciência-piloto, criando uma espécie de metodologia complementar à filosofia da ciência, utilíssima em diversos outros campos do saber, mesmo os aparentemente alheios à ciência linguística.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral*, vol. II. São Paulo: Pontes, 2006.

COSERIU, Eugenio. *Sincronia, diacronia e história*. O problema da mudança linguística. Trad.: Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença/USP, 1979.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1984.